

REISZ, S. (1977) Predicacion metafórica y discurso simbólico. In: *Lexis*. Vol. 1. No. 1. Perú.

RICOEUR, P. (1979) The metaphorical process as cognition imagination and feeling. In: Sacks.

_____. (1975) *Le métaphore vive*. Paris: Seuil

SEARLE, N. (1979/1993) *Metaphor*. In: ORTONY, A. (eds.) *Metaphor and thought*. Cambridge: CUPpp. 83-111.

SMITH, et. al. (1981) *Metaphor as intellectual history: conceptual categories underlying figurative usage in American English from 1675-1975*. In: *Linguistics* 19-9. pp. 911-935.

STEEN, G. (1994) *Understanding metaphors in literature. An Empirical Approach*. London: Longman Publishing.

UFINTSEVA, A. (1977) *A essência lingüística*. Moscou. Nauka. (em russo)

ULLMANN, S. (1967) *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian.

ZANOTTO, M. (1985) O texto na construção do significado metafórico. In: *Cadernos PUC-SP*. São Paulo: EDUC22.

_____. (1990) em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, E. (org.) *A metáfora*. Campinas: Pontes.

_____. (1992) O processo de compreensão da metáfora na formação de professores de LM. In: ZANOTTO M & CELANI, M. (orgs.) *Lingüística Aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC.

_____. (1995) *Metáfora, cognição e ensino de leitura*. In: DELTA. Vol. 11. No2. SP. Pp.241-254

_____. (1998) A construção e a indeterminação do significado metafórico no evento social da leitura. In: PAIVA VLM (org.) *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte UFMG. Pp 13-38.

TERMINOLOGIA APLICADA: TRAJETÓRIAS TRANSDISCIPLINARES

Marta Aparecida Barbosa
Universidade de São Paulo (USP)
Cidmar Teodoro Pais
Universidade de São Paulo(USP/UBC)

Resumo: Este trabalho propõe-se a estudar as relações entre a interdisciplinaridade e a especificidade de objeto, campo e métodos das disciplinas que se ocupam da palavra. Em função de uma renovada tipologia dos universos de discurso, assinala a necessidade de consolidação de disciplinas como o Terminologia Aplicada e a Etno-terminologia; destaca, os processos de banalização, vulgarização, popularização de linguagens especializadas, enquanto importantes mecanismos de circulação e difusão do conhecimento; enfatiza o necessário adequação dos discursos a diferentes grupos de destinatários, a comunicação entre especialistas e não-especialistas, os distintos níveis de linguagem envolvidos e alguns aspectos decorrentes transdisciplinares.

Palavras-chave: Discurso; Etno-terminologia; Léxico; Terminologia aplicada; Tipologia discursiva.

Resume: Ce travail se propose d'étudier des relations entre l'interdisciplinarité et la spécificité de l'objet, champ et méthodes des disciplines concernant les unités lexicales. En fonction d'une typologie discursive renouvelée des univers de discours, signale la nécessité de consolidation de disciplines comme la Terminologie Appliquée et l'Etno-terminologie; cherche à mettre l'accent sur les procédés de banalisation, vulgarisation, popularisation, en tant que des mécanismes importants pour la circulation et la diffusion du savoir; considère l'adéquation des discours suivant des différents groupes de destinataires; la communication entre spécialistes et non-spécialistes, les divers niveaux langagiers concernés et quelques conséquences transdisciplinaires.

Mots-clé: Discours; Lexique; Terminologie appliquée; Typologie discursive.

Introdução: léxico e transdisciplinaridade

O princípio da inter e multidisciplinaridade exige complementarmente o princípio da especificidade do objeto, campo e aparentemente mesmo objeto de estudo. Assim como as ciências básicas e aplicadas, as disciplinas integrantes das ciências da linguagem mantêm processo

métodos das diferentes disciplinas científicas, correspondentes a recortes observacionais distintos de um

oparentemente mesmo objeto de estudo. Assim como as ciências básicas e aplicadas, as disciplinas integrantes das ciências da linguagem mantêm processo

de cooperação e, ao mesmo tempo, especificidades epistemológicas. Buscamos delimitar a identidade científica da Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. A forte relação de cooperação – interdisciplinar entre ciências básicas ou entre ciências aplicadas e/ou tecnologias; alimentação e realimentação entre estas e aquelas – tem como condição sine qua non a especificidade epistemológica, no tratamento da palavra, que lhes assegure autonomia de modelos, métodos e técnicas, pois, dialeticamente, é preciso distinguir para articular. Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes e dois métodos face ao léxico: a Lexicografia, como técnica dos dicionários; a Lexicologia, como estudo científico do léxico. Dentre suas tarefas, destacam-se a de abordar a palavra como instrumento de construção de uma ‘visão de mundo’, de sistemas de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis. A complexa questão se estende à multissignificação dessas disciplinas; os discursos lexicográficos, são, simultaneamente, registro de palavras e objeto de estudo da Lexicografia, como investigação fundamental; esta, objeto da Metalexicografia, enquanto Epistemologia da Ciência Lexicográfica. Semelhantes relações estabelecem-se entre Terminologia e Terminografia, respectivamente, Ciência da Palavra Técnico-Científica e Tratamento Terminográfico desse tipo de palavra.

Por outro lado, as questões relativas às unidades lexicais e seus conjuntos

podem ser consideradas do ponto de vista diacrônico, sincrônico, pancrônico; podem sofrer um tratamento quantitativo ou qualitativo; receber uma abordagem descritiva ou aplicada. Assim, ao lado da Lexicologia descritiva, a Lexicologia aplicada se tem revelado importante, fundamental, mesmo, para múltiplos campos, tecnologias e práticas. As áreas de pesquisa acima sumariamente elencadas e os modelos teóricos construídos têm sido aplicados, com eficácia, a domínios como ensino de língua materna ou estrangeira, descrição, diagnóstico e terapia de distúrbios da linguagem, processos de tradução automática ou mecânica, técnicas de documentação, tratamento da informação, dentre outros. Da mesma forma, semelhante eficácia se comprova nos trabalhos de Terminologia aplicada. Desses, destacamos, aqui, os processos de banalização/vulgarização/popularização de linguagens especializadas, enquanto importantes mecanismos de circulação e difusão do conhecimento; consideramos a necessária adequação dos discursos a diferentes grupos de destinatários; a comunicação entre especialistas e não-especialistas, os distintos níveis de linguagem envolvidos e algumas decorências transdisciplinares.

1. Questões preliminares a propósito do ensino do léxico

A complexa e multifacetada problemática do ensino do léxico se tem configurado como forte preocupação dos pesquisadores, no quadro das variadas e urgentes tarefas que se impõem à Lexicologia, à Lexicografia e à Terminologia. No mundo

A Terminologia Aplicada...

contemporâneo, o exame das práticas semi-lingüísticas dos enunciadores e dos enunciatários do discurso pedagógico tem permitido observar claramente que a questão do ensino do léxico não é considerada importante, é, até mesmo, freqüentemente esquecida ou desconhecida, no tocante aos modelos e aplicações, de que resulta, qualitativa e quantitativamente, um baixo rendimento, não só na matéria específica da língua materna, como também em todas as demais, eis que todas se realizam em linguagem.

Diante disso, propusemo-nos a desenvolver pesquisas que conduzissem à elaboração de um modelo semiótico-lingüístico que desse conta dos processos de aquisição e desenvolvimento da competência e do desempenho lexicais, seja na comunicação utilitária, da linguagem dita ‘banal’, seja nos universos de discurso específicos e altamente específicos das sociedades heterogêneas, industriais e pós-industriais.

Numa primeira etapa, concluída há tempo, apresentamos um modelo que se sustenta em dois parâmetros: o da necessidade de ser observada, no processo ensino/aprendizagem do léxico, a co-ocorrência das variedades de normas lingüísticas diversas, convergentes e conflitantes no mesmo sujeito falante-ouvinte; o da imprescindibilidade de tomar-se como ponto de partida e de referência o universo lingüístico e sociocultural do aluno (Barbosa, 1984).

Em seguida, foram considerados o primeiro parâmetro apontado e as diferentes funções semióticas e metassemióticas, ou seja, as diversas

relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, suas transformações e transposições, sua distribuição nas perspectivas diatópica, diastrática, diafásica e mesmo diacrônica da língua, as relações intra e inter-universo de discurso (Barbosa, 1992, p. 258-264).

Tornou-se necessário, então, articular aquelas etapas e obter mecanismos que tornassem viável o processo proposto. Demonstraram-se relevantes o desenvolvimento dos processos de automatização das formas vocabulares e terminológicas, de sua adequada atualização e sintagmatização às situações de enunciação e de discurso, ao contexto sociocultural, em condições de sinfasia e sinstratia, de diastria e diafasia.

Esses complexos problemas exigiram o estudo das articulações e da interação entre dialetos stricto sensu, sociolêtos, tecnolêtos, idiolêtos, de sua convergência e conflito, no sujeito falante-ouvinte.

Examinamos, tendo em conta esses critérios e variáveis, as relações estruturais-funcionais, morfo-semântico-sintáticas e léxico-semânticas da parassinonímia, da hiperonímia, da hiponímia, da co-hiponímia, da paronímia. Essa análise trouxe subsídios valiosos, por sua riqueza e complexidade, para uma melhor compreensão dos processos de desenvolvimento do vocabulário ativo e passivo, dos mecanismos de enunciação de codificação/decodificação, que conduzem a formular métodos suscetíveis de contribuir substancialmente para a ampliação da competência lexical e para o aprimoramento do desempenho lingüístico, em situação de discurso, dos

mecanismos de produção de significação e informação, determinantes da eficácia discursiva.

Numa etapa subseqüente, fazendo dos aspectos acima considerados o alicerce de nossas reflexões sobre a pedagogia do léxico, direcionamos nossa pesquisa, nessa subárea, para um tipo de 'conjunto vocabulário' bastante específico: o das metalinguagens técnico-científicas (Barbosa, 1993: 56-63), examinado no âmbito da problemática do desenvolvimento da competência e do desempenho lexicais.

2. Natureza e funções das metalinguagens técnico-científicas

Ciências e tecnologias constituem universos de discurso que constroem uma metalinguagem específica e uma 'visão de mundo' segunda. Aprender uma ciência básica, uma ciência aplicada, ou uma tecnologia corresponde a aprender (adquirir competência e desempenho) a linguagem de especialidade respectivamente constituída.

O universo de discurso metalingüístico de uma ciência - representação e síntese das suas descobertas e do saber construído -, se preciso e bem elaborado, leva a aprimorar a prática profissional em toda a sua abrangência; essa prática realimenta tal discurso como novos 'fatos' e novas unidades lingüísticas, reafirmando o processo de alimentação e realimentação da ciência básica e da ciência aplicada e/ou tecnologia.

Com efeito, os modelos científicos e tecnológicos aperfeiçoam-se, com o

própria mudança dos 'fatos' que constituem o seu objeto de estudo, com os avanços da investigação. Evoluem, concomitantemente, os seus discursos lingüísticos, daí resultando a necessidade do rediscorso constante da ciência e da tecnologia, de sua definição e limites, do seu objeto, dos seus métodos e técnicas, da sua metalinguagem.

Como se sabe, toda ciência ou tecnologia, seja do ponto de vista epistemológico, seja do metodológico, seja, ainda, daquele da construção do seu saber metalingüístico, estabelece estreitas relações de cooperação - interdisciplinares, no nível das ciências básicas, ou no nível das ciências aplicadas, e de alimentação e realimentação entre estas e aquelas -, com outras ciências básicas, ciências aplicadas e/ou tecnologias. Esse processo de contribuição recíproca, entre tais disciplinas, não lhes retira, contudo, a especificidade do objeto de estudo, campo, métodos e técnicas e, até mesmo, de modelos e de metalinguagem. De fato, sustentando-se todos nesse relacionamento complexo e dinâmico de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, alimentação e realimentação, intra e inter-áreas do conhecimento humano, perseguem, efetivamente, objetivos comuns: a busca da verdade, a análise e descrição do seu objeto, a redução dos fatos a modelos, a construção do saber, o aprimoramento da qualidade de vida, a construção de um discurso metalingüístico específico. Em semântica profunda, temos:

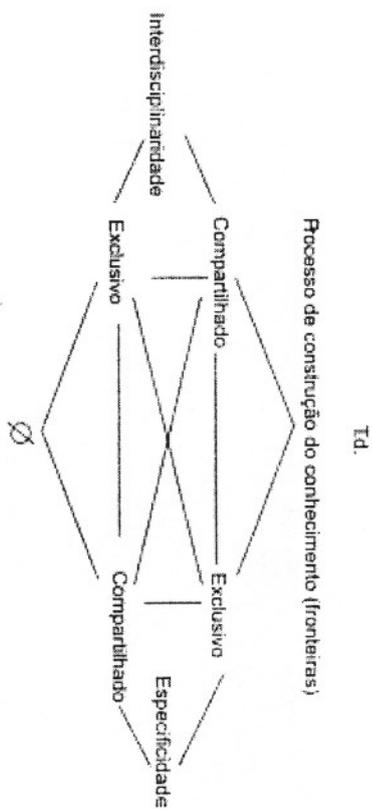


Figura 1: Especificidade x Interdisciplinaridade

Considerando-se, apenas, o último aspecto apontado, o do discurso metalingüístico, é lícito dizer-se que a prática de uma ciência básica ou aplicada, a sua produtividade e crescimento demonstram a imperiosa necessidade de construção e permanente reconstrução de um vocabulário próprio, preciso e consensual, instrumento de análise e descrição, que não somente permite defini-las e circunscrevê-las, enquanto disciplinas, como também lhes proporciona a aplicação mais rigorosa, produtiva, eficaz dos princípios, métodos e técnicas. Uma ciência que não conseguisse autodefinir-se não teria identidade, não poderia delimitar nem o seu objeto de estudo nem os seus processos de atuação. Dessa forma, uma ciência ou tecnologia vão constituindo-se e delimitando-se como tais, no processo histórico de acumulação e transformação do conhecimento, à medida que, simultaneamente, se vão delimitando o seu objeto formal, os métodos e técnicas

de análise e descrição desse mesmo objeto e à medida que, igualmente, se vai consolidando a sua metalinguagem. Noutras palavras, com a precisa definição dos seus termos, e somente assim, determinam-se claramente os fatos próprios ao seu universo, seus métodos e técnicas. É legítimo afirmar, pois, que a construção da ciência é indissociável da construção de sua metalinguagem. À proporção de se vai constituindo, consolida-se a ciência e sua identidade epistemológica (Barbosa, 1989).

Esses aspectos, dentre outros, mostram a importância das metalinguagens terminológicas na sociedade atual, para a ampliação do saber e do saber-fazer do indivíduo, não só sobre determinada ciência ou tecnologia, como também o seu saber sobre o mundo. Daí decorre a importância dos modelos epistemológicos e metodológicos de tratamento, compilação, recuperação e transmissão de metalinguagens.

Nessas condições, o vocabulário técnico-científico é, ao lado das outras obras lexicográficas, um dos instrumentos imprescindíveis para o recorte dos 'fatos' científicos, para a armazenagem e recuperação desses dados, para a comunicação mais intensa e eficiente entre especialistas, no interior de uma área científica, e entre áreas científicas. Além disso, assinala-se por importante instrumento de pesquisa e de sustentação do arcabouço teórico da ciência ou tecnologia (Barbosa, 1989, :107).

3. Um percurso de transmissão da metalinguagem técnico-científica

Formalizando o problema do ensino de léxico no contexto da teoria da comunicação, definem-se várias situações pedagógicas, apresentamos algumas dessas situações (Barbosa, 1984: 96-103).

Há discursos pedagógicos, em nível do léxico, que operam com um falso diassistema, supõem que parte de elementos linguísticos, sociais e culturais são comuns ao emissor (conjunto A, do professor) e ao receptor (conjunto B, do aluno), quando, na verdade, produz-se apenas, ou sobretudo, no universo de A. Esses discursos acartelam, entre outras coisas, aumento do custo de armazenagem e codificação, perda do rendimento sintagmático. Seu resultado traduz-se num esquema de comunicação em que a intersecção mínima entre o conjunto discursivo e vocabular de A e o de B, pequena, tende a zero, daí decorrendo incomunicação e pouco aproveitamento.

Discursos impositivos, não respeitam a competência do aluno. Seu efeito é o sufocamento do universo linguístico e sociocultural preexistente do aluno.

Por outro lado, o ensino que opera somente na dia-norma (professor/aluno), reitera os recortes do universo linguístico e sociocultural do aluno. Dele resulta a não ampliação do conjunto de elementos disponíveis em sua competência e a anulação da comunicação pedagógica dialógica desejável. Processo de tal forma reiterativo, tem-se situação comparável à da comunicação monológica (didlogo interior), em que o sub-sistema de A e o sub-sistema de B tendem à identidade.

Entretanto, o ensino que parte do universo de B, ou, se preferirmos, do dia-sistema e da dia-norma do conjunto A e do conjunto B (conjunto universo do aluno) e conduz paulatinamente à incorporação em B dos elementos do conjunto-diferença primitivo de A (conjunto universo do professor), tem como consequência a ampliação da intersecção entre ambos. Tal solução é, sem dúvida, melhor. Esse tipo de discurso pedagógico sustenta-se na tensão dialética entre universo conhecido/universo desconhecido e minimiza a possibilidade do efeito de ruptura, no processo de A, como no B; permite progressiva ampliação da competência linguística e visão do mundo, sem anular ou sufocar o universo linguístico e sociocultural anterior; e a sua reorganização.

Assim, o professor-destinador, na estratégia de sua intervenção cognitiva, dota o aluno-destinatário de uma dupla competência narrativa e científica: uma,

geral, pois se insere numa situação em que se passa de um estado de não saber a um estado de saber; outra, específica, já que reconstrói a sucessão de ações que constitui essa transformação. O discurso do não saber nunca deve, a nosso ver, partir do conjunto diferença de A e ser imposto ao conjunto B. A dinâmica da passagem do "não saber" para o "saber" requer, pois, fazer um percurso que começa no conjunto diferença de B, ou na intersecção entre A e B, vem para o conjunto diferença de A, retorna para os dois anteriores, ampliando-os e reformulando-os. O universo do professor enriquece-se simultaneamente.

Para viabilizar esse processo, principalmente no caso do vocabulário técnico/científico, que se opte pelo modo paradigmático (forma dicionarística), ou pelo modo sintagmático (discurso dissertativo) de transmissão desse "saber", parece-nos importante, no que concerne ao vocabulário, dotar o aluno de um número expressivo de parassinônimos lexicais diestráticos e diafásicos, de mecanismos de atualização e devida contextualização dessas formas equivalentes; e procurar fazer dos vocábulos banais, vulgares ou populares ('saber' do aluno) o ponto de partida para o acesso aos termos correspondentes (integrados no "saber" do professor) e para o acesso à teoria a eles subjacente.

Ressalte-se nesse processo a importância não só do domínio do maior número possível de parassinônimos, como também da automatização de mecanismos de comutação, segundo o contexto discursivo, dessas formas lexicais parassinônimas, quase sinônimas ou 'equivalentes'. Empregamos, aqui, o

termo 'equivalente' em sentido amplo, conforme a concepção de Lyons (1979, p. 478), que define a sinonímia em função da implicação recíproca ou equivalência, e não no sentido específico que tem na área de Terminologia - em que é definida como a relação estabelecida entre designações de línguas diferentes que representam a mesma noção (Boutin-Quessel, 1985: 20).

Nessas condições, o dicionário terminológico, ou o vocabulário técnico-científico e especializado têm um papel relevante a desempenhar no processo de ensino/aprendizagem das metalinguagens técnico-científicas, como também das linguagens especializadas, desde que sejam elaboradas de maneira a atender a certas exigências que assegurem a sua eficácia. Destaca-se, aqui, a necessidade de tomar o modo paradigmático de transmissão de uma teoria científica, com as vantagens próprias do dicionário, e articulá-lo com um sistema de remissões, ordenado por relações semântico-conceptuais, que favoreça percursos de reconstrução coerente, por parte do usuário, da teoria ou das teorias em causa.

4. Dos graus de especificidade, cientificidade, banalização, popularização

Examinando-se o universo terminológico de uma mesma ciência e/ou tecnologia, verifica-se que é constituído de subconjuntos terminológicos de natureza e funções bastante diversas. Alguns desses subconjuntos, por exemplo, contêm unidades terminológicas criadas especificamente para determinada área, exclusivos e

caracterizadores dessas áreas (a). É o que acontece com ecobioma ou ecossistema euheterorúbio, no área de ecologia. Outros universos contêm unidades provenientes de outra área, como, por exemplo, vírus, em informática (b). Outros, ainda, contêm unidades provenientes da língua geral (c). São exemplos desse conjunto cebolinha e macaco, na área de peças automobilísticas. Nesses dois últimos casos, as unidades recebem, quando de sua transposição, aceções próprias da área que passou a integrá-las em seu vocabulário, aceções diferentes das que possuíam na área de origem. Outros

universos, por sua vez, contêm unidades com aceções parcialmente comuns às de outras áreas (d), como sucede com estrutura, em diferentes ciências e tecnologias, no âmbito do paradigma do estruturalismo. Há aqueles universos, enfim, que contêm termos complexos (e), em que um elemento é emprestado de outra área, combinando-se com elementos da própria área. Temos, por exemplo, metabolismo urbano, metabolismo industrial, patologia urbana, poluição visual, poluição sonora, etc.

Esses diferentes subconjuntos podem ser assim esquematizados:

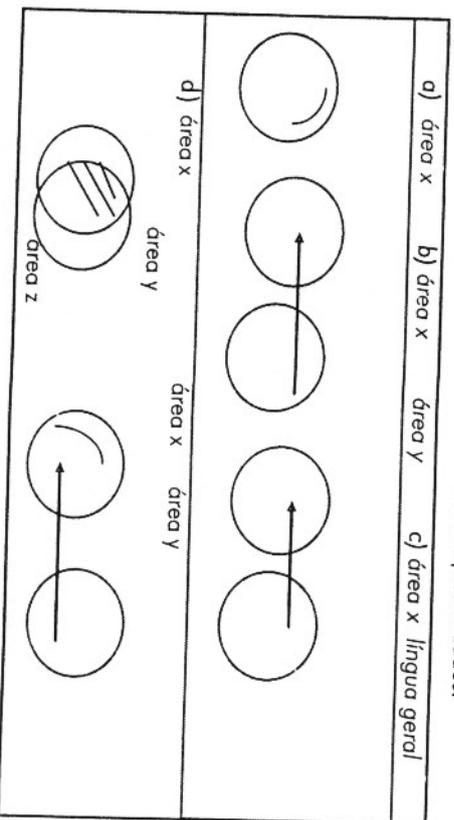
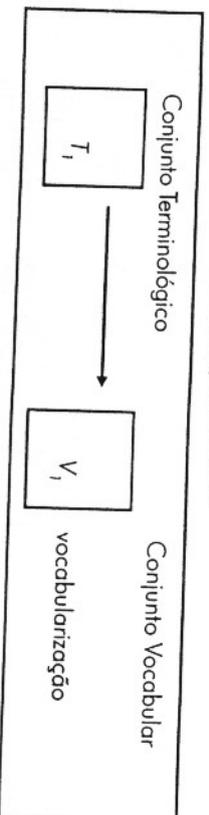


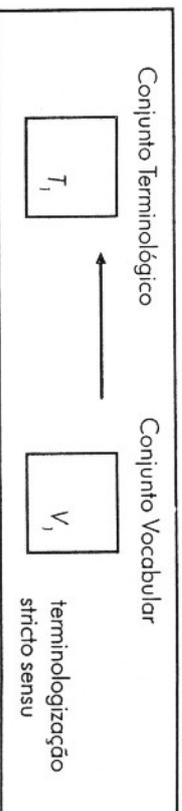
Figura 2: Processos de constituição de conjuntos terminológicos

Vejam os alguns casos da dinâmica de transposição de vocábulos/termos, de um universo de discurso para outro.

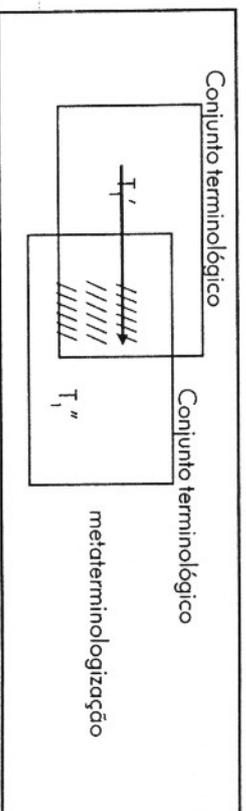
(1) Consideremos, primeiramente, a passagem da terminologia para a língua comum. Podemos assim esquematizá-la:



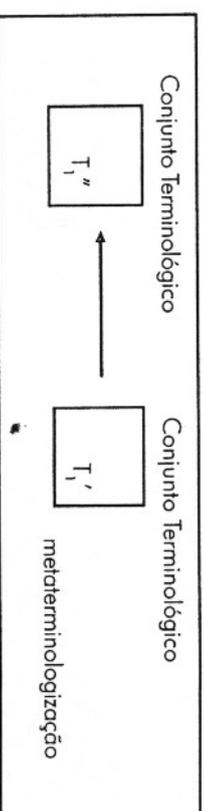
(2) Consideremos, em seguida, o processo inverso, a passagem da língua comum para a terminologia. Esquematicamente, teremos:



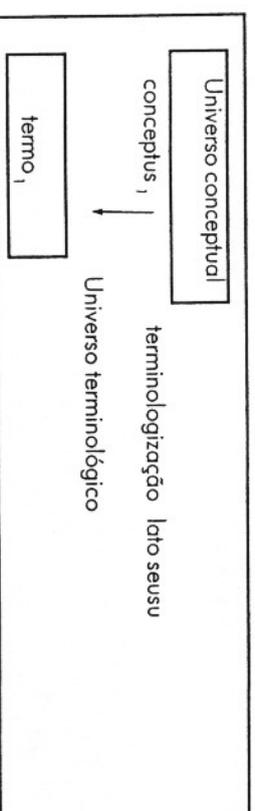
(3) Examinemos, agora, a passagem da terminologia para a terminologia, com a manutenção de um núcleo semântico comum aos termos das diferentes áreas. Podemos esquematizá-la assim:



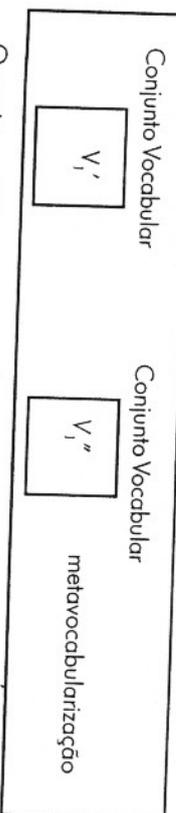
(4) Devemos considerar, por outro lado, a transposição da terminologia para a terminologia, sem que se conserve núcleo semântico comum aos termos resultantes nas diferentes áreas envolvidas.



(5) Muito diferente é o processo de passagem do conceptual para o terminológico, em que temos:



6) Enfim, consideremos a transposição de um vocábulo, de um universo de discurso da língua comum, para outro universo de discurso da língua comum:



Quanto aos graus de terminologização e de banalização, dir-se-á que toda essa dinâmica anteriormente exposta autoriza a afirmar que uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas, ao contrário, está em função 'termo' ou em função 'vocábulo', ou seja, o universo de discurso em que se insere determina o seu estatuto, em cada caso. Assim, não é possível estabelecer uma taxionomia paradigmática dos conjuntos termos e dos conjuntos vocábulos, pois toda a classificação resulta dos entornos discursivos e dos condicionamentos das normas discursivas, dependente, portanto, dos universos de discurso e das situações de discurso. Consegue-se um percurso possível de uma 'unidade lexical', ao longo de um eixo continuum, do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de cientificidade e vice-versa. Em suma, toda unidade lexical é plurifuncional, no nível de sistema, e monofuncional, no nível de uma norma ou do falar concreto.

banalização ou vulgarização: instrumentos de aquisição da competência e desempenho técnico-científicos.

Dentre os mecanismos de transmissão, desenvolvimento e ampliação do inventário lexical,

salientamos o que permite estabelecer relações entre os termos técnico-científicos e possíveis equivalentes seus no universo de discurso banal.

Não raras vezes, os termos banalização, vulgarização e popularização são tomados como sinônimos. Uma análise semântica mais acurada mostra que seus significados não são idênticos, que se trata de processos distintos, conducentes a diferentes resultados, e revela sua especificidade semântica, ao lado dos elementos de intersecção. Em trabalho anterior (Barbosa, 1993: 58-60), mostráramos que tais processos compreendem certas operações que lhes são comuns - a transcodificação, a intertextualidade, a paráfrase, o estabelecimento de equivalências, entre estruturas semântico-lexicais de universos de discurso diversos -, de que resulta, também, um metatexto explicativo. Esses termos não têm a mesma distribuição, não são comutáveis em todos os contextos, pois apresentam diferenças semântico-pragmáticas importantes.

Banalização, aqui entendida no sentido que lhe dá Galisson (1978: 8-12), um processo de que resulta uma linguagem banalizada, uma segunda linguagem, enxada numa

linguagem técnica, para assegurar a difusão [+ popularização], a compreensão [+ banalização], sem torná-la chula, grosseira [- vulgarização]. É, também, importante, estabelecer uma oposição clara entre linguagem banal e linguagem banalizada: a segunda marca processo, ou resultado de um processo, contendo, pois, a categoria de aspectos; a primeira pode ser ou não o resultado de um processo, o que a coloca em microsistemas diferentes, ou como equivalente de banalizada, ou como equivalente de linguagem comum, geral, corrente, e, neste último sentido, não se caracteriza como intertextual.

Nesse contexto, o processo interdiscursivo de transcodificação refere-se à explicação de uma linguagem primeira - a técnico-científica/especializada - por uma linguagem segunda - a banalizada -, um texto ponte entre a metalinguagem especializada e a linguagem coloquial. A expressão linguagem banalizada pressupõe sempre um texto de partida, viabilizando a intercomunicação entre universo de discurso técnico-científico/especializado e a língua comum, seja do ponto de vista da enunciação de codificação, seja do da enunciação de decodificação.

Assim, a banalização é um processo de transcodificação que, a partir da linguagem técnico-científica, procura tornar compreensíveis aos não especialistas de uma área mas por ela interessados os significados e os valores específicos do universo de discurso em causa. Trata-se de uma metalinguagem mais acessível, que ainda remete para o universo de experiência técnico-científico. Já a vulgarização é o processo de passagem de um termo técnico-científico

para a língua comum, com a perda de sua especificidade e desvinculação ao universo de discurso de origem. Por exemplo, o termo feedback foi introduzido pela biologia, referindo-se aos mecanismos de retroalimentação de uma célula, como resposta desta a um estímulo químico; banalizou-se, passando a ser utilizado em outras áreas, como as ciências humanas, com o significado de retroalimentação, em qualquer processo; enfim, vulgarizou-se, na língua comum, para expressar algo como a captação do efeito produzido, como o caso do ator que diz precisar sentir o feedback do público.

As metalinguagens técnico-científicas são construídas a partir da língua comum. Logo, para ensinar a um sujeito falante-ouvinte uma 'língua de especialidade', como propusemos no item anterior, é necessário começar da língua comum e passar paulatinamente para a linguagem especializada; nesse processo, a linguagem banalizada funciona como instrumento eficaz de intermediação. Ao fazer essa intermediação, ela estabelece uma função - relação de dependência - entre os elementos do discurso transcodificador e transcodificado. O importante, pois, é o estabelecimento de uma relação de dependência entre o vocábulo e o termo e, o enriquecimento do vocabulário do sujeito falante-ouvinte e o ganho de precisão nos mecanismos de substituição automática dos vocábulos, na passagem de um universo de discurso a outro.

Segundo Andrade (1999: 12-22), "observa-se que a comunicação entre especialistas dos vários domínios e o público geral, não especialista, apresenta-se como um fenômeno bem mais complexo do que aparenta, pois

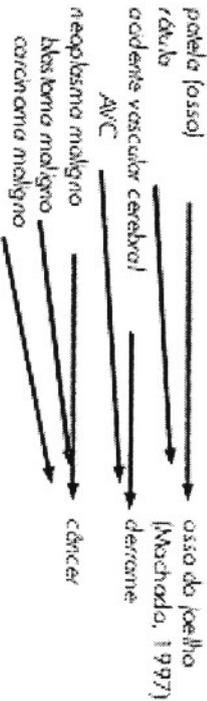
ocorre também no sentido inverso, dos não-especialistas para os especialistas e deve levar em conta o grau de especificidade, em função do emissor, do suporte e do destinatário (...) assim como há graus de especificidade na linguagem técnico-científica, deve haver graus de complexidade no universo de discurso da vulgarização, pois os destinatários deste tipo de discurso não pertencem todos às classes populares”.

Vejam os algumas relações possíveis entre os elementos do conjunto termo (CT) e os elementos do conjunto vocábulo (CV). A dinâmica de transposição/engendramento de termos/vocábulos, de causas e motivações diversas, estabelece diferentes tipos de relações entre os elementos do conjunto termo e os elementos do conjunto vocábulo.

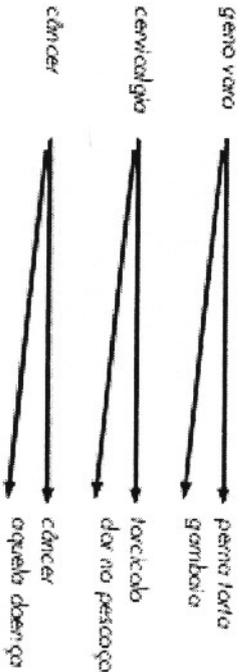
a) A um termo pode corresponder um vocábulo:



b) A dois termos pode corresponder um vocábulo



c) A um termo podem corresponder dois vocábulos:



2. No confronto de terminologias, tem-se as relações:

a) A um termo de uma terminologia corresponde um termo de outra terminologia, com acepções distintas:



b) a um termo de uma terminologia corresponde um termo de outra terminologia, com acepções que apresentam uma intersecção:



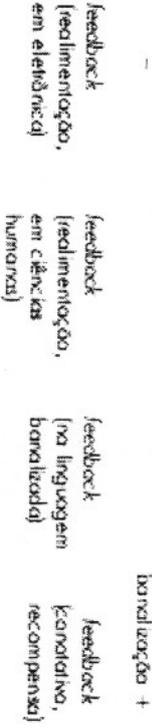
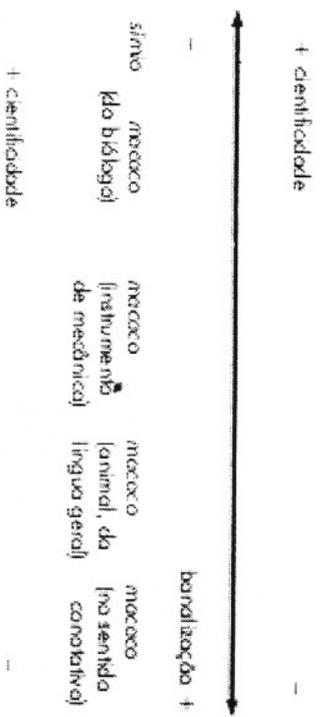
c) a um termo de uma terminologia correspondem dois termos de outra terminologia:



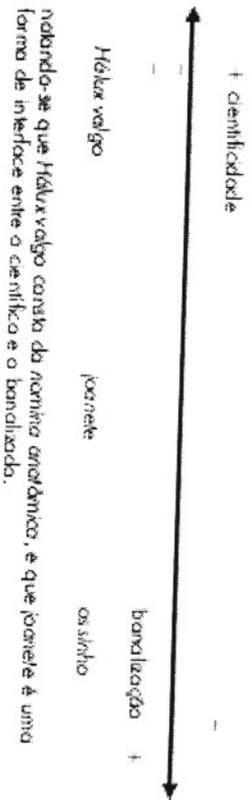
d) A dois termos de uma terminologia corresponde um termo de outra terminologia:



Concebamos um percurso possível de uma "unidade lexical", ao longo de um eixo *continuum*, do maior grau de banalização ao maior grau de cientificidade e vice-versa, conforme se viu no início do item 4:



Por outro lado, se não é possível caracterizar tal ou qual 'unidade lexical' como termo ou como vocábulo, no eixo paradigmático, podem-se distribuir co-hipônimos e, mais precisamente, parassinônimos – formas equivalentes – de um mesmo campo lexical no *continuum*, em seus diferentes graus de cientificidade/banalização. Teremos:



No eixo do continuum entre os primeiros e os segundos. Por cientificidade/banalização, podemos detectar termos/vocabulos que se situam na interface entre o discurso científico e o discurso banal, como, por exemplo, o termo/vocabulo câncer. Esse tipo de termos garante a comunicação entre especialistas de uma área, entre leigos, tese da semiose ilimitada.

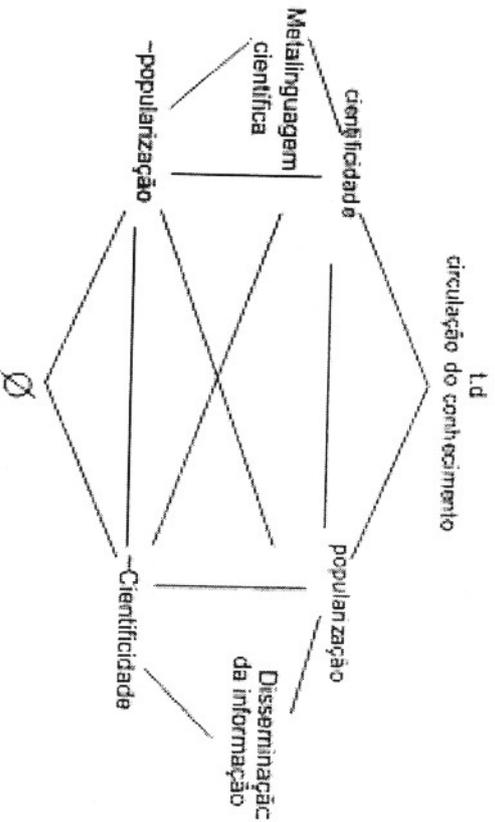


Figura 3. Cientificidade x populanzãõ

Destacamos, neste trabalho, tais processos de banalização, vulgarização, popularização, já que constituem eles, a nosso ver, possíveis caminhos da Terminologia Aplicada. Lembremos, aqui, duas importantes pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre esse tema na área de agrotóxicos: uma é a de Rosa Maria Alcebiades Ribeiro, no âmbito da EMBRAPA; outra, de José Augusto Alvarenga, sobre a questão da cientificidade e da popularização, no mesmo domínio.

Nesse ponto de nossas reflexões, parece-nos necessário tecer considerações sobre a tipologia de universos de discurso, nos dois itens seguintes, para que possamos mais bem observar processos e produtos da dinâmica acima apontada, como as oposições vocábulo x termo e cientificidade x popularização, segundo o modo de existência e produção de tais universos, considerados, ainda, seus enunciadores e enunciatários coletivos.

5. Dos universos de discurso: operacionalidade

Uma das questões relevantes na teoria semiótica é a da tipologia dos discursos e dos universos de discurso. Na tentativa de elaborar uma taxionomia mais satisfatória, autores têm utilizado critérios diversos, como o modo de existência e produção, as estruturas de poder, as relações de enunciação e enunciado, efeitos de sentido, dentre outros, ou, mesmo, a combinação de vários deles (Pais, 1982, 1984).

Logo de início, é necessário distinguir o discurso, enquanto processo discursivo de produção – que compreende uma enunciação de codificação e uma

enunciação de decodificação – e o texto, enquanto produto, enunciado.

Preliminarmente, considerando-se apenas as semióticas-objeto verbais ou eminentemente verbais, ou seja, as línguas naturais e seus discursos - embora sejam acompanhados de outras semióticas-objeto, em sua manifestação -, costuma-se classificar os discursos em dois grandes tipos: os discursos literários e os não-literários.

Os estudos de semiótica literária são os mais antigos na construção da semiótica científica. O início dos anos 70 assiste ao desenvolvimento de numerosos pesquisas nesse domínio. Na realidade, muitos dos primeiros trabalhos voltavam-se para a etno-semiótica. Contudo, atualmente, em função do avanço das teorias semióticas e linguísticas, somos convidados a uma profunda renovação do estudo dos discursos etno-literários. Voltaremos a esse ponto.

A partir de 1978, desenvolveu-se na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris uma nova disciplina da Semiótica, a Sociossemiótica.

A Sociossemiótica estuda os discursos sociais não-literários, tais como, os discursos científico, tecnológico, político, jurídico, jornalístico, publicitário, pedagógico, burocrático, religioso, dentre outros. Esses universos de discurso são ditos sociais, porque, embora tenham, como é evidente, emissor e receptor individuais, caracterizam-se por enunciador e enunciatário coletivos, ou seja, um grupo ou segmento social, como um partido político, os legisladores, a comunidade científica, um grupo profissional, etc. São ditos não-literários, porque a função estética, conquanto

neles exista, com características específicas, não é determinante de sua eficácia, nem de seu estatuto 'sociosemiótico, conferido pela sociedade.

Cada um desses universos de discurso define-se, por sua vez, como conjunto de discursos manifestados e manifestáveis, que tendem ad infinitum, reunidos por critérios de equivalência, ou seja, caracterizados por constantes e coerções, suscetíveis de configurar uma norma discursiva frástica e transfástica, discursos que mantêm entre si redes de relações intertextuais e interdiscursivas, inseridos num contexto lingüístico e sociocultural e pertencentes à macrossemiótica de uma cultura.

Observa-se, ainda, que os universos de discurso sociais não-literários, sempre sustentados por grupos ou segmentos sociais que, através deles, se sustentam, caracterizam-se por estruturas de poder próprias, mecanismos de argumentação/verificação específicos, processos de manipulação peculiares, relações inter-subjetivas e espaço-temporais de enunciação e enunciado igualmente específicas (Paiz, 1993: 454-521). Definem-se, assim, seus modos de existência e de produção.

Na sociedade contemporânea, sobretudo do segunda metade do século XX e no século XXI, é lícito afirmar que o critério de valorização social dos universos de discurso sociais não-literários é a eficácia. Basta pensar, por exemplo, no discurso político e no discurso publicitário.

Entretanto, os universos de discurso literários apresentam certas características muito diferentes. A verossimilhança, retomada da Antigüidade greco-romana, no Renascimento, ainda desempenha

algum papel entre os sujeitos-enunciatórios-leitores. Trata-se do princípio estético grego da *mimesis*, segundo o qual "a arte imita a vida". É o que sucede, por exemplo, com a apreciação de romances e de novelas televisivas, por parte do grande público. Contudo, a verificação, a produção do efeito de verdade - fundamental quando se trata do discurso científico ou do discurso jurídico -, não é levada em conta, no julgamento dos discursos literários. A modalidade complexa que se salienta é a do poder-fazer-criar. Os universos de discurso literários seduzem o leitor/ouvinte.

Assim, os discursos literários parecem ter outras atribuições no seio da vida social. São vistos como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem, geralmente, não 'imitações da vida' mas metáforas da vida, que conduzem a uma melhor compreensão desta. A função estética é elemento determinante de sua eficácia e de sua valorização social.

Os critérios de classificação dos discursos e dos universos de discurso acima vistos têm, sem dúvida, um grande poder de explicação e permitem circunscrever satisfatoriamente muitos aspectos de uma tipologia discursiva. Não obstante, revelam-se ainda insuficientes, quando se examinam os discursos etno-literários.

Neles se encontram narrativas que por certo não ocorreram ou, pelo menos, não teriam acontecido nos termos em que são explicitadas. Falta-lhes, numa primeira leitura, a verossimilhança. Seus autores não são conhecidos, ou, se há nomes, não podem ser atestados. O sujeito-enunciador é comumente apagado ou substituído por um ente

imaginário ou virtual. As marcas de tempo e espaço do enunciado inexistem ou são muito vagas. Essas características produzem um efeito de sentido de atemporalidade e remetem a um espaço que é o da utopia, do não-lugar.

Assim, os discursos etno-literários, de modo geral, e, particularmente, a literatura oral, a assim chamada literatura popular, os contos populares regionais não se submetem exatamente aos critérios que permitem tipificar os discursos literários, da literatura formal, escrita, ou os discursos sociais não-literários.

De um lado, tudo indica que, no caso dos discursos etno-literários, o sujeito-enunciador é um ente coletivo, que ressurge sempre, à medida que os textos são retomados, a um tempo conservados e modificados, e transmitidos ao longo de gerações.

De outro lado, não são ficcionais, no sentido estrito do termo, porque lhes falta, como vimos, a verossimilhança, a uma primeira leitura. Não são documentais, como os textos da História, enquanto ciência, não contam 'fatos' históricos comprovados. Contrapõem-se à memória oficial, idealizada, construída pelos historiadores e recriam outro tipo de memória social.

No entanto, guardados na memória e repetidos - com algumas alterações - durante séculos, por pessoas muito especiais, os contadores, como os equivalentes a trovadores medievais, e as contadoras, como mulheres do Nordeste brasileiro, dedicadas a essa prática, tais textos são percebidos pelos sujeitos-enunciatórios-ouvintes simultaneamente como fábulas e como veredictórios, portadores de 'verdades' gerais e universais. Têm, também, esses

textos um efeito de sentido de permanência, dizem da natureza humana e podem, por isso, ser considerados como representantes de formas de humanismo.

Com efeito, muitos desses textos têm sido registrados, analisados e publicados por pesquisadores, de maneira que podem ser encontrados e lidos em fontes acadêmicas. Foi o que aconteceu, por exemplo, com os numerosos e valiosos trabalhos de Francisca Neuma Fachine Borges (1995) sobre a literatura de cordel - distribuída, como se sabe, por meio de folhetos de edições populares -, sobre o Romancero do Nordeste, notavelmente bem estudado por Batista (1999, 2000), sobre o conto regional francês e a tradição oral em excelente obra organizada por Jean-Baptiste Martin (2003).

Independentemente dessas e de muitas outras pesquisas, convém lembrar que os textos etno-literários são preservados, ao longo de séculos, pela memória coletiva das comunidades e transmitidos de uma geração a outra pelas populações. Fazem parte da tradição popular, ou guardados na memória ou registrados em publicações artesanais e, logo em seguida, transmitidos oralmente.

Assim, os discursos etno-literários sustentam importantes facetas dos sistemas de valores, dos sistemas de crenças, que integram o imaginário coletivo de uma comunidade humana. Mostram uma visão do mundo, apresentam as grandes linhas de um mundo semioticamente construído. Nesse sentido, constituem documentos altamente significativos, reveladores de uma cultura e do seu processo histórico.

Contados ou recitados, como foi dito, por contadores da Idade-Média e, por exemplo, por contadores do Nordeste brasileiro até os dias de hoje, narram 'eventos' inverossímeis, como Chaperon rouge (Chapeuzinho vermelho) e Robert Le diable, que têm origem na França, na Provença, no Languedoc e/ou da Península Ibérica, como também aventuras 'ocorridas' em tempos e lugares incertos ou remotos. Servem para rir, para a diversão e, concomitantemente, são levados a sério (Greimas, 1978). Trazem, de fato, lições que as populações facilmente transpõem para a vida contemporânea. Muitos sujeitos-enunciatórios sequer se dão conta da antiguidade dos textos, eis que os sentem como válidos comentários da vida atual.

Nessas condições, parece legítimo afirmar que os discursos etno-literários incorporaram, sustentam, caracterizam uma identidade cultural. Representam um saber compartilhado sobre o mundo, traduzido em amplas sucessões de metáforas.

Constituem, pois, os discursos etno-literários um patrimônio cultural, por sua riqueza, complexidade e diversidade.

Tomando-se, por exemplo, o boi no rito do Bumba-meu-boi do Maranhão, no Norte do Brasil (Cardoso, 2004), verifica-se que essa unidade lexical não se refere a um boi, no sentido comum, não se refere ao animal que encontramos nos campos ou nas fazendas; essa unidade não designa, também, o boi da biologia, ou da agro-pecuária. Ela tem uma significação especial, no universo de discurso desse rito folclórico, em que representa uma entidade mítica, que é morto, para satisfazer o desejo de

uma mulher grávida e que, ao final da narrativa, ressuscita, para a felicidade de todos. Uma das interpretações correntes é a de que esse boi representa, nessa história, a morte e ressurreição do Cristo.

Examinando-se com mais cuidado o Romancero do Nordeste brasileiro, encontram-se numerosos exemplos. Assim, tem-se o conto do Pavão. Um professor de aldeia tinha um pavão muito estimado. Um dos seus alunos mata o pavão. O mestre se vingou, mata a criança. Outro romance conta a história de um nobre, obrigado a disfarçar-se em mendigo cego, para tomar sua bem amada, prisioneira de sua mãe na floresta (história medieval). Tem-se, ainda, o romance de Juliana. Um nobre, seu primo, havia prometido casar-se com ela. De repente, apaixonou-se por uma jovem. Vai visitar sua prima e anuncia seu novo projeto. Juliana finge alegrar-se, felicita-o e, para comemorar, oferece-lhe uma taça de vinho envenenado (história medieval). Juliana representa, pois, a mulher ciumenta, o cúme.

Há uma série de romances cujo tema é, por exemplo, o amor desgraçado.

Nesses textos, de modo geral, tem-se um grande número de personagens. Contudo, são muito pobres em sua figurativização. Na realidade, são tipos humanos, ou tipos sociais, suportes de temas, encarrregados da tematização. Encontram-se nos romances grandes temas universais, as oposições amor x morte, vida x morte, amor x alma, riqueza x miséria, bem x mal, poder x fraqueza, fidelidade x traição, etc.

Poder-se-iam multiplicar os exemplos. Os grandes proprietários de terras são com frequência os representantes do poder, da opressão,

do mal. Os homens pobres representam frequentemente o bem, a honestidade, a fraqueza, o sonho de liberdade. As 'autoridades' são normalmente apresentadas como gente malvada. O poder está ligado à malvadeza. O diabo aparece, como ele mesmo, ou disfarçado em outra personagem, relacionada ao poder, à riqueza, à autoridade; intervém no destino dos homens.

Verifica-se, então, que as unidades lexicais desses discursos etno-literários têm características muito específicas: de um lado, são vocábulos metassemióticos, e pelos motivos acima vistos, de outro, são quase-termos técnicos, pois pertencem à uma linguagem especial/especializada. Seus sememas não correspondem, pois, nem aos sememas da língua comum, nem aos sememas das linguagens dos domínios científicos. Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário, provenientes das

narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente.

Nessas condições, a unidade lexical do universo de discurso etno-literário tem um estatuto nitidamente diferente. No nível da norma e do falar concreto, ela subsume as duas funções, vocábulo e termo. Com efeito, trata-se de um vocábulo, nos seus aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica ou metassemiótica e é um termo, na medida em que a unidade lexical em questão tem características de uma linguagem de especialidade. É possível, assim, propor, em semântica profunda, o seguinte modelo:

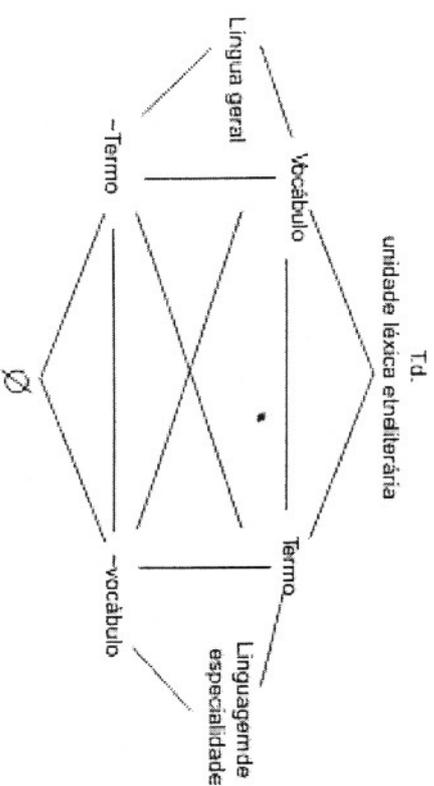


Figura 4: Tensão vocábulo x termo

Todas essas considerações conduzem a observar que os discursos etno-literários, a literatura oral, a literatura popular, certos contos regionais conservados pela tradição oral e/ou por uma imprensa artesanal, popular e sustentados por um sujeito-enunciador coletivo, assemelham-se, em muitos aspectos, ao *mythos* da cultura grega antiga. Têm os seus textos importantes funções culturais e sociais. Desempenham, com certeza, um papel na socialização dos membros da comunidade e, além disso, uma função estética, uma função didática, uma função mítica.

Da mesma forma que os mitos gregos, os mitos dos indígenas da América do Norte, dentre muitos outros que poderiam aqui ser citados, aqueles discursos e seus textos oferecem subsídios importantes para os estudos antropológicos e para as reflexões psicanalíticas. Ensinam ao sujeito-enunciatório individual e/ou coletivo elementos cruciais da natureza humana, da alma, dos impulsos, da afetividade, em suma, da *psyché* humana.

De certo ângulo, esses discursos etno-literários poderiam ser considerados ficcionais, na medida em que os 'eventos' narrados são ou parecem ser inverosímeis, se tomados denotativa-mente, e não correspondem a fatos historicamente comprovados. Aproximar-se-iam, então, da fábula.

De outro ângulo, porém, esses discursos, como vimos, revelam e sustentam sistemas de valores, sistemas de crenças, um 'saber' compartilhado sobre o 'mundo' que integram o imaginário coletivo de uma cultura, de uma sociedade. Contribuem, assim,

para o sentimento de sua permanência no eixo da História e para a configuração de uma identidade cultural, intuitivamente, ao menos, reconhecida pelos membros da comunidade em causa. Nesse sentido, levando-se em conta a sua continuidade no tempo, a sua presença nos dias que correm, parece legítimo vê-los como documentos do pensamento e dos valores coletivos, imprecindíveis, portanto, para a compreensão do processo histórico da cultura.

Nesses termos, foi possível elaborar um modelo semiótico que permitia situar os discursos etno-literários, em relação aos discursos literários na concepção tradicional e aos discursos sociais não-literários. Esquemáticamente, tem-se:

Documentais e ficcionais são termos de metalinguagem, devem ser lidos, aqui, como duas tendências contrárias. Os discursos sociais não-literários têm um estatuto socio-semiótico, conteúdo pela sociedade, que os caracteriza como documentais x não-ficcionais, de acordo com o seu modo de existência e produção socialmente aceito, de forma que constituem a *déixis* positiva do modelo. Os discursos literários stricto sensu são vistos pela sociedade como aqueles que tendem a ser a combinação de ficcionais x não-documentais, o que lhes dá a posição da *déixis* negativa, no mesmo modelo. Nessa perspectiva, os discursos etno-literários sustentam-se numa tensão dialética entre os dois termos, documentais x ficcionais, por todas as razões acima expostas. Confirma-se, uma vez mais, a sua função mítica e a sua função pedagógica.

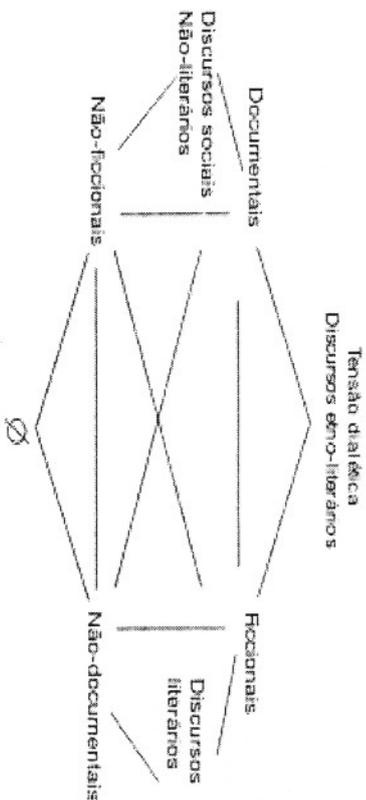


Figura 5: Documentais x ficção

6. Reflexões sobre a tipologia discursiva e relações entre universos de discurso

Como se sabe, um universo de discurso estabelece e renova incessantemente uma rede de relações intertextuais entre os textos manifestados, enunciados, e uma rede de relações interdiscursivas, entre os processos discursivos de produção realizados. Esses textos e discursos apresentam, pois, certas características comuns e constantes, correspondentes a uma norma discursiva. A intersecção entre os diferentes textos pertencentes a um universo de discurso conduz à

configuração de um arquiteyto (Rastier, 2000); a intersecção entre os discursos (processos) envolvidos conduz, por sua vez, à configuração de um arquidiscurso (Pais, 2002).

Se consideradas as características dos discursos sociais não-literários e dos discursos literários stricto sensu, inferir-se-á que deles resulta um arquiteyto e

um arquidiscurso específicos, próprios de cada um dos dois grandes tipos discursivos e, mais ainda, observar-se-á que arquiteytos e arquidiscursos particulares podem ser atribuídos a cada gênero, no interior dos dois conjuntos. Alguns deles são bem conhecidos, como o arquiteyto e o arquidiscurso dos trabalhos científicos.

Retomando todas as características dos discursos etno-literários, deve-se reconhecer que definem um arquiteyto e um arquidiscurso típicos, exclusivos, que se distinguem claramente das outras classes discursivas.

Toma-se necessário, portanto, reunir subsídios para uma possível complementação de uma tipologia discursiva.

Para tanto, parece oportuno levar em conta, na elaboração do modelo, aquelas características específicas, as constantes de cada universo de discurso, como, por exemplo, as estruturas de poder, que definem, como se sabe, o modo de existência e de produção de cada universo de discurso, e os critérios

de valorção social desses discursos, ambos os aspectos relacionados ao estatuto sociossêmico que a sociedade confere a cada universo de discurso.

Por outro lado, é preciso lembrar que os universos de discurso não são estanques. Interpenetram-se, interferem uns sobre ou outros, realimentam-se uns dos outros. Com efeito, é necessário não confundir modelos teóricos, tentativas de análise, descrição e explicação, com o extremamente complexo mundo da sociedade e da cultura. Por essas razões, modelos científicos propõem, apenas, critérios de estudo. Por essas razões, igualmente, incluem-se no modelo apresentado em seguida, zonas fluidas entre os conjuntos de classes discursivas, que indicam, dentre outros aspectos, processos de transição entre as classes discursivas.

Desse modo, todos os universos de discurso em operação na comunidade sociocultural sustentam-se em relações interdiscursivas – entre processos – e

em relações intertextuais – entre enunciados.

Todos admitem análises em termos de relações transdisciplinares.

Entretanto, outros há, que exigem, por sua natureza discursiva e seu estatuto sociossêmico, um tratamento transdisciplinar:

No âmbito de uma tipologia discursiva, como a aqui exposta, torna-se necessário redistribuir tarefas de análise:

- A semiótica literária – estudo dos discursos literários
- A sociossêmica – estudo dos discursos sociais não literários
- A terminologia técnico-científica – estudos dos discursos das linguas de especialidade
- A etno-semiótica – estudo dos discursos etno-literários
- A etno-terminologia – estudo das unidades multifuncionais
- A terminologia aplicada – estudo dos processos de circulação e difusão do conhecimento.

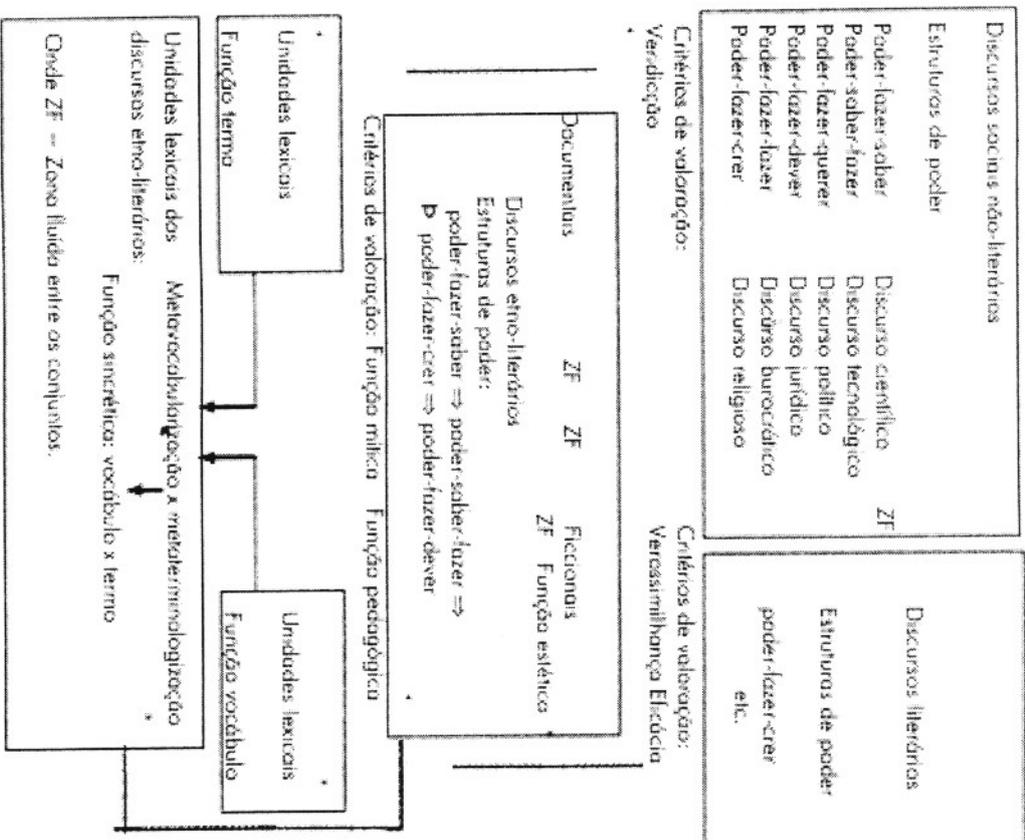


Figura 6. Para uma nova tipologia discursiva

7. Considerações finais

Quanto às implicações didático-pedagógicas, cumpre ressaltar que o desenvolvimento da competência lexical do sujeito falante-ouvinte requer, dentre outros aspectos, que o mesmo adquira um número razoável de variantes diafásicas, ou seja, de parassinônimos pertencentes a universos de discurso diferentes. Daí resultam: aumento do número de unidades memorizadas e disponíveis para atualização; maior rigor nas oposições semânticas e maior precisão do entoque semântico; maior habilidade na seleção das unidades léxicas, face à situação de enunciação e de discurso; maior habilidade na manipulação das relações de significação; maior habilidade na transposição de sentidos e no trânsito entre universos de discurso (metalinguagem e transcodificação).

O desenvolvimento de mecanismos que permitam estabelecer relações entre vocábulos da linguagem banalizada e termos técnico-científicos revela-se muito eficaz para a comunicação entre o leigo e o especialista e como instrumento, para o aluno, ou iniciante, de acesso a um novo universo de discurso, sem que este lhe pareça uma linguagem artificial e completamente desvinculada de seu saber anterior; além disso, mostra-se valioso instrumento de ampliação de seu vocabulário.

Outro aspecto importante do processo é o desenvolvimento de mecanismos de passagem de unidades do vocabulário passivo para o ativo, indicadora do grau de sua automatização, pelo o aluno/iniciante, que não mais se restringe à enunciação

de decodificação mas alcança, também a de codificação. É um momento revelador do acesso a um saber técnico-científico e seu crescimento: o sujeito-falante já consegue discutir ou rediscursar a investigação e os modelos técnico-científicos.

Aprender uma língua é aprender um modo de "pensar o mundo". O mesmo acontece com as metalinguagens técnico-científicas, seus recortes, seus sistemas de valores e designações que lhe correspondem. Assim, a metalinguagem técnico-científica de qualquer área do saber e/ou de suas aplicações constrói a sua "visão do mundo" específica, de tal forma que só é possível aprender uma ciência, quando se adquire a competência semiótico-lingüística do seu universo de discurso.

Tem-se aí o problema seríssimo do sujeito falante-ouvinte não iniciado, que deseja aprender uma nova ciência ou tecnologia. Por vezes, essa tarefa se mostra mais difícil que o aprendizado de outra língua natural. Ao assimilar uma metalinguagem técnico-científica, o pesquisador iniciante estará assimilando e construindo o saber e o saber-fazer específicos daquela ciência e/ou tecnologia, que lhes possibilitam entender, rediscursar e redimensionar não só os modelos científicos ou tecnológicos, como também a sua própria visão do mundo anterior, num processo de amadurecimento intelectual e pessoal.

Os processos de banalização, vulgarização, popularização revelam-se instrumentos eficazes da difusão e circulação do conhecimento e, por conseguinte, tem alto interesse para a Terminologia Aplicada.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ANDRADE, Maria Margarida. Sobre a normalização terminológica: banalização/vulgarização. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, Plêiade, v. 10, n.º 1, p. 7-27, 1999.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Da constituição e transmissão do saber lexical: um modelo lingüístico pedagógico. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 7, p. 83-106, 1984.
- Aspectos da produção dos vocabulários técnico-científicos. *Estudos Lingüísticos XVII. Anais de Seminários do GEL*. São Paulo, p. 105-112, 1989.
- percurso gerativo da enunciação, a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico. *Estudos Lingüísticos XXI. In: Anais de Seminários do GEL, Jahu, p. 258-265, 1992.*
- A banalização da terminologia técnico-científica: dialética intertextos. *Estudos lingüísticos XXII, Anais de Seminários do GEL*. Ribeirão Preto, p. 56-63, 1993.
- Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta semiótica et linguística*. São Paulo, v. 7, p. 25-44, 1998.
- BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. *O romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica*. Tese de abordagem semiótica.
- romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 11, n.º 1, p. 73-83, 2001.
- BORGES, Francisca Neuza Fachine. Polisotopia e arquétipos narrativos na literatura de cordel. In: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL. Caxambu, ANPOLL, p. 479-491, 1995.*
- BOUJIN-QUESNEL, Robert. et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.
- CARDOSO, Albetia Lourdes Monteiro. *Vocabulário do Bumba-meu-boi do Maranhão: abordagem lexicográfica e terminológica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FLCH-USP 2004.
- DUARTE, M. *O livro das invenções*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997;
- GALISSON, Robert. *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*. Paris: Nathan, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *O contrato de verificação*. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. *Acta semiótica et linguística*. São Paulo, v. 2, p. 211-221, 1978.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.